

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRETOR
Manuel Homem de C. Cristo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 427

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

PRINCIPIOS

A mesma hora em que se distribuia, domingo, o *Povo de Aveiro*, recebiamos nós pelo correio um jornal francez, onde um homem illustre e auctorizado, Camillo Pelletan, reforçava plenamente n'um artigo a razão com que vimos combatendo aqui o abuso da idéa e sentimento de patria, apoiando-se na existencia d'um militarismo odioso.

Camillo Pelletan é um velho republicano radical. Foi ministro da marinha. Pertence ao partido de que sahio o actual ministerio francez, e n'esse partido gosa da mais legitima influencia e auctoridade. Pois bem. Ouçamos então o que elle conta e o que elle diz.

O capitão T... era republicano e livre pensador. Tanto bastava para que fosse ferozmente perseguido. Para toda a parte para onde ia o perseguia a *fiche* clerical, anterior á *fiche* da maçonaria. Sabia-se o que é a *fiche*. É uma informação secreta sobre as opiniões politicas e religiosas do official. Official que fosse republicano ou livre pensador estava, em plena republica, perdido. A *fiche* foi uma criação dos reaccionarios. Mais tarde é que os republicanos, a impulsos da maçonaria, imitando os reaccionarios, como natural desforço contra estes e em legitima defeza, transformaram a *fiche* clerical e monarchista em *fiche* de defeza democratica. Mas por pouco tempo. No curto periodo em que o general André foi ministro da guerra, pôde-se dizer. Depois, apesar de se continuar proclamando a continuação da politica democratica, o espirito reaccionario voltou a dominar, mais ou menos, o ministerio da guerra.

Até 1900, isto é, durante trinta annos de regimen republicano, ser republicano era a mais terrivel *pecha* para um official do exercito francez. Official republicano era transferido, era castigado e, peor que tudo, não era promovido. Comissões rendosas, louvores, collocações em terra de primeira ordem, e promoções, só eram concedidas aos officiaes reaccionarios em religião e em politica. E para que não houvesse confusões, e para que ficasse bem evidenciada a influencia da reacção, e para que o premio estimulasse os partidarios do throno e do altar, e para que o castigo fizesse perder a todos velleidades de democracia, o official era sempre seguido da *fiche*, isto é, da mais rigorosa informação sobre as suas opiniões religiosas e politicas. E pela *fiche* se procedia. Ser mais ou menos instruido ou talentoso, ter mais ou menos aptidão militar, ser mais ou menos zeloso no serviço, não importava nem influa. O que importava, o que influa, era ser ou não um bom... religioso.

O capitão T... coitado, que persistia resolutamente em ser republicano e livre pensador, não parava, pois, porque o não deixavamahi pousar, em ramo verde. Especie de judeu errante, ia de terra em terra cumprindo o seu fadario. Sempre maltratado. E seguido sempre da inseparavel *fiche*.

Um dia o ministro da guerra prohibiu as *fiches* terminantemente.

Foi o mesmo. Em cartas confidenciaes continuaram as informações, como até ahí. As *fiches* mudaram de fórma. Nada mais.

Em certa occasião, o commandante D... clerical furioso, sob cujas ordens servia então o capitão T... enchendo, n'uma conversa sem interesse, o seu subordinado de malevolas insinuações, acabou por lhe dizer: «Eu conheço-o. Tenho a seu respeito informações seguras.»

— De que natureza? objectou o capitão. Já que disse isso, diga tudo, que assim o exige a minha dignidade e o meu interesse.

E insistiu. E fazia muito bem em insistir. Tinha o direito de insistir. Como o seu chefe tinha a obrigação de explicar. Ou, então, que houvesse estado caladinho.

Mas era bom que a moral do militarismo fosse a moral de toda a gente! Já não dizemos a moral absoluta. Não. A falsa moral, a moral convencional de toda a gente!

O capitão, por pedir explicações d'uma insinuação offensiva da sua honra, e insistir, foi castigado, pelo commandante do corpo, com quatro dias de prisão disciplinar. O commandante da brigada, a quem foi transmittido o facto, achou pouco, e augmentou o castigo do commandante do corpo para doze dias de prisão disciplinar. O commandante da divisão, a quem o facto, como é do regulamento, foi transmittido pelo commandante da brigada, achou ainda pouco, e augmentou para vinte dias o castigo de doze dias de prisão disciplinar applicado pelo commandante da brigada.

A mesma coisa em toda a parte. E' cosmopolita, o caracter odioso do militarismo. Se alguma coisa ha bem internacional é o espirito clerical e o espirito militarista.

A mesma coisa em toda a parte. Em 1897 o capitão Homem Christo *pedia licença* para se queixar *pela falta d'observancia* do artigo que determina que não seja concedida uma licença a um militar sem informação do seu chefe immediato. Mais nada. Nem mais uma palavra accrescentava o capitão Homem Christo. Considerou se o termo *pela falta d'observancia* uma censura ao commandante, e o capitão Homem Christo foi castigado com oito dias de prisão disciplinar. Vejam a tyrannia. A tyrannia e a burla. Concede o regulamento direito ao militar para reclamar e para se queixar. Reclamar porque e de quê? D'uma offensa ao regulamento, é claro. Queixar-se porque e de quê? D'uma offensa aos seus direitos, aos seus interesses ou á sua dignidade. Mas reclamar como, mas queixar-se como, se é uma *infração* mencionar que o chefe *não observou* os artigos d'esse mesmo regulamento em nome do qual o militar ha de reclamar, em nome do qual o militar se ha de queixar?

A grande tyrannia! A grande burla! Burla completa e como tal considerada pelos proprios militares dentro do exercito. Não ha militar, intelligente ou bruto, digno ou indigno, activo ou servil, independente ou objecto, que não considere, no exercito portuguez,

o direito de reclamação e de queixa uma mentira, uma burla, um sarcasmo.

O capitão Homem Christo foi castigado. E não lhe faltou a *fiche*, como em França. Lá está ella, no ministerio da guerra. O commandante declarava, verbalmente primeiro, depois por escripto, repetindo a declaração no fim do anno na chamada informação annual, no juizo privativo, *que é secreto*, mas que o capitão Homem Christo leu, porque alma piedosa lh'o mostrou, o commandante declarava que o capitão Homem Christo era republicano assanhado e perigoso, que convivia intimamente com os mais perigosos revolucionarios, e que só procurava, com elles, destruir o existente. Pouco mais ou menos isto. Lá está ella, a *fiche*, no ministerio da guerra.

Os monarchicos accusavam-no de republicano, de republicano perigoso, e como tal, porque tudo o mais era um pretexto, como em França, com os officiaes nas mesmas condições, o castigavam. Os republicanos—como em França, onde, em plena republica, os officiaes republicanos são abandonados pelos republicanos á feroz perseguição dos monarchicos—os republicanos accusavam-no d'*espiao da monarchia* e applaudiam, e batiam palmas á perseguição que contra elle se desencadeava. Como ousam então estes miseraveis todos, de França, de Portugal, de toda a parte, extranhar a existencia de Hervé e dos seus partidarios, cada vez mais audaciosos, apesar de todas as perseguições e mais numerosos? Como ousam então estes miseraveis extranhar a existencia da anarchia e os seus progressos extraordinarios?

O capitão T... apanhou, pois, por ser republicano e livre pensador, por ser odiado como republicano e livre pensador, e por mais coisa nenhuma, por isso, só por isso, n'um exercito onde todos os pulhas, como cá, vivem em paz, n'um exercito onde os maiores bandidos, como Esterahzy tem as melhores *fiches*, as maiores exaltações, as melhores recommendações, sendo considerados os mais dignos d'estima e os mais aptos para a promoção, o capitão T... apanhou, pois, vinte dias de prisão disciplinar.

Passado tempo vieram as *fiches* da maçonaria. E entre essas *fiches* figuravam, naturalmente, algumas relativas ao regimento onde o capitão T... tinha sido castigado. Denunciou-as o celebre Guyot de Villeneuve, um grandissimo desavergonhado da laia de muitos outros, monarchicos e republicanos, que ha por cá, e que só consideram bandido o bandido que... não é da sua facção. Porque se fôr da sua facção pôde ser bandido á vontade. Não pôde ser, deve ser. Não é só poder ser, não é só dever ser, é que ha de ser. Ha de ser! E sê-lo gloriosamente! Pois o homem que é da nossa facção pôde lá ser um bandido? Basta que seja da nossa facção para que passe a ser, por mais bandido que seja, um homem honrado. Os miseraveis, que não querem que existam Hervés, anarchistas, homens legitimamente revoltados!

O famoso Guyot de Villeneuve nunca reprovara, nunca combatera, nunca se azedara contra as *fiches* clericaes, que duravam ha trinta annos. Mas azedou-se contra as *fiches* organisadas pelos democratas!

Eram estas assignadas. Portanto, havia um responsavel, o signatario, pelas que diziam respeito ao regimento onde servia o capitão T... E um responsavel de categoria, de cotação social, porque o era. Mas o coronel achou mais *commodo* procurar responsaveis entre os seus subordinados. Chamou os officiaes que lhe pareciam suspeitos, entre os quaes, escusado seria dizer-lo, estava o capitão T... E intima-os a jurar *publicamente* sobre a bandeira que não eram os informadores do auctor das *fiches*, nem o tinham instigado ou aconselhado a faze-las. O capitão T... negou-se a esse acto ignobil. *Tout le monde aurait dû en faire autant*. Escreve Pelletan. Recusou-se. Comtudo declarou que nunca tinha escripto *fiches*. Que o que fizera fôra queixar-se sempre, bem alto, da injustiça que com elle se havia praticado. *Il poussait en cela*, continua Pelletan, *le scrupule trop loin*.

Muito bem. O capitão T... não podia, não devia fazer outra coisa. Nem como homem, nem como militar. Quem procedia indignamente, quem ultrajava o proprio regulamento militar, era o coronel. Pois o coronel ficou impune e o capitão T... foi castigado com mais *trinta dias* de prisão disciplinar!

Tal e qual como cá. Como alguns jornaes censurassem a pouca vergonha commettida contra o capitão Homem Christo em 1897, foram chamados os capitães do regimento para entre elles se averiguar quem era o informador dos jornaes. Foi chamado o proprio capitão Homem Christo. E como este mandasse á tabúa o coronel, senão assim directamente, por uma fórma indirecta mas bem clara, e com razão, porque aos jornaes, e só aos jornaes, onde havia responsaveis, se deviam dirigir as auctoridades, como auctoridades ou como homens, foi o capitão Homem Christo encerrado trinta e sete dias no Castello de S. Jorge, sempre por entre jubilos e palmas dos republicanos de cá.

Não foi mais feliz em França, e em plena republica, o capitão T... Este official acaba de pedir que lhe sejam levantados os castigos que representam uma grande iniquidade. Pois o ministro da guerra, o general Picquart, mandando que fosse truncados os castigos que lhe applicou o major D... commandante do batalhão onde servia o capitão T... manteve o castigo que lhe applicou o coronel por o capitão se ter negado a jurar sobre a bandeira! O general Picquart!

E não o diz qualquer. Di-lo Camillo Pelletan, e di-lo por simples amor da justiça, pois confessa no seu artigo que nunca viu o capitão, que nunca lhe falou, e que nem directa nem indirectamente recebeu d'elle pedido algum para tratar a sua questão. Di-lo Pelletan, que termina o seu artigo por estas palavras por todos os titulos dignas de nota:

«E cette peine inique suit le capitaine dans toute sa carrière, qu'elle obstrue. Cela alors que le ministre jadis persécuté par les états-majors cléricaux et réactionnaires, met tout de coquette à montrer, par les faveurs qu'il leur donne, qu'il a oublié ce qu'il en a souffert.

Ce que vous en avez souffert personnellement, oui, général, il est très bean, très généreux de l'oublier. Cela rapelle les traites plus fameux de l'antiquité. Mais ce qu'en ont souffert les officiers républicains... il vaudrait peut-être mieux ne pas l'avoir trop oublié.»

Tamanha é a influencia, e tão nefasta, do odioso espirito militar! Tamanha, tão nefasta, que até o general Picquart, n'um ministerio a que preside Clémenceau, pratica uma iniquidade de tal ordem!

Admiram-se de Hervé? Pois vejam todos que não ha de que admirar.

GRUPO PORTUGUÊS DE ESTUDOS FEMINISTAS

A indiferença é uma das características da nossa raça. Esse espirito de iniciativa que caracteriza o povo inglês e fez d'elle um povo grande e progressivo parece não ter tocado as paragens lusitanas.

Em Portugal tudo é indiferença e tédio. Nada desperta a simpatia, passividade nacional. O sport, a literatura, os progressos da sciencia moderna, as grandes questões sociaes e até a marcha dos negocios públicos e a vida do país, tudo é indiferente ao luso pesado e pachorrento.

A sua ignorancia, que os partidos politicos estão empenhados em perpétuo, leva-o a um indiferentismo criminoso que o torna, afinal, a única vitima. Nós somos,— e quem sabe porquanto tempo o seremos ainda!—um país de bárbaros. O povo portuguez tem todos os defeitos que a falta de cultura e de educação pôdem originar. Não sabe fazer valer os seus direitos porque nem tão pouco os conhece. Por isso é explorado, na sua profunda ingenuidade, por toda a sorte de *apaches* politicos que o roubam primeiro, para depois lhe arrancarem a pele, e a vida tambem, quando elle sáe á rua a protestar. Arrastado por *habilidades politicas* vae para onde o levam sem perceber que destino lhe reservam. Enriquece o Estado e a Igreja que se dão mãos para o roubar. Felga o rei, diverte-se a clericalha, os ministros enriquecem; e elle, que trabalha, ceia quando ceia, e por vezes não tem onde dormir!

Tudo isto vem a proposito de dizer que em Portugal existe uma profunda indiferença até pelas questões que mais directamente nos interessam, e que a falta de iniciativa é igualmente um dos nossos grandes males.

As questões que no estrangeiro facilmente provocam o interesse público, tornam se neste país indifferentes até áquelles que mais directamente são interessadas.

Os jornalistas—não esquecendo os *republicos*—não tratam questões geraes, não discutem principios, não dedicam um pouco de tempo ao estudo e vulgarisação dos grandes problemas sociaes que constantemente e apaixonadamente se debatem lá fóra. Ocupam-se das tricas da politica diária, sustentam mutuamente a doença crónica que a todos mina—o elogio mutuo, e basta-lhes para descanso das suas consciencias tranquilas. Quando muito, parodeiam com chalças de mau gosto todas as idéas de liberdade e emancipação que denotam a incessante progressão do espirito humano. Uns, troçam dos trabalhos encetados para a conquista da paz universal, outros, aproveitando toda a occasião para p reconisar a pena de morte, chamam ao *feminismo* um pitoresco episodio de *opéra-comé*!

E é precisamente do feminismo que hoje se trata.

A libertação da mulher é um ideal nobre que o sentimento e a razão juntos reclamam. Se o homem ainda hoje não conquistou a liberdade completa, já alcançou contudo uma certa autonomia e trabalha sem descanço por alcançar a liberdade absoluta. Ora em tudo é necessária a coerência. Para que o homem tenha direito a protestar contra os que o escravizam torna-se antes de tudo essencial que deixe de escravizar os outros. E a mulher é ainda hoje, incontestavelmente, a escrava do homem. Elle tem sobre esta todos os direitos; e, o que é curioso, as leis que só permitem o assassinato em caso de legítima defeza, dão ao homem o direito de matar a esposa em caso de adultério. Mas sem reciprocidade. Nas equitativas leis, a reciproca nunca é verdadeira... O homem pôde faltar impunemente aos deveres conjugaes porque a fêmea não tem sequer o direito de protestar!... Em tudo e por tudo a mulher não sendo, como está scientificamente demonstrado, inferior ao homem, é todavia sua escrava submissa. Urge pôr termo a isto. E' o que, embora lançando mão de meios os mais opostos, se está fazendo no estrangeiro.

Em Portugal, apesar da boa vontade dos que compreenderam a urgencia desta campanha, a propaganda tem sido descurada. Torna-se necessidade immediata envidar todos os esforços para que ella se aktive.

E' com esse fim que um grupo de senhoras portuguezas resolveu organizar-se para a fundação duma biblioteca feminista, de forma a publicar as obras de mais eficaz propaganda, originaes de escriptores nacionaes e estrangeiros.

O primeiro folheto, que explicará os fins que o grupo tem em vista, mostrando a necessidade urgente duma propaganda activa, deve ser publicado brevemente e é original da notavel escriptora Anna de Castro Osorio, cuja obra já tão vasta é prova incontestavel do seu brilhante talento e garantia segura do exito da empresa de que faz parte.

Oxalá o público compreenda a grandeza da obra eminentemente humanitára pela qual em todo o mundo se trabalha com afán, e queira dar o seu, aliás indispensável, apoio, aos esforços do *Grupo Português de Estudos Feministas*, para que Portugal acompanhe o movimento cada vez mais intenso, em favor da emancipação da mulher que, sem dúvida, ha de ser vasto caminho andado para a conquista da felicidade humana.

HOMEM CHRISTO, Filho.

Carta de Lisboa

11 DE OUTUBRO.

Discute-se a patria. O sr. Magalhães Lima é apodado de traidor porque tem exposto aos estrangeiros a situação de Portugal. E não lhe chamam traidor simplesmente os do governo. Também lhe chamam traidor, ou pouco menos, os da opposição.

Ora eis provada mais uma vez a mentira da tal religião de patria. Eis patente a hypocrisia, a especulação que, como de todas as religiões, deriva d'essa religião.

O que disse o sr. Magalhães Lima? Não sabemos. Como não sabemos, não sabemos. Deve ter dicto a sua asneira, porque, alem de ser do estylo em chefe republicano, é da propria natureza do sr. Magalhães Lima. Mas, posto isso de parte, não fez mais, talvez, que referir a verdadeira situação de Portugal.

Eis o crime! Eis o monstruoso crime! Ser patriota não é ser justo e liberal com os seus concidadãos, não é promover por todas as fórmulas o aperfeiçoamento, o progresso, a elevação intellectual e moral, o bem estar dos que nasceram na mesma terra, dos que usam o mesmo nome, dos que falam a mesma lingua. E' não dizer aos estrangeiros que... entre portuguezes traidores ha como traidores houve muitas vezes. Camões errou. Devia ter dicto *muitas vezes* em lugar de dizer *algumas vezes*. E devia ter falado no presente e no futuro em vez de falar sómente no passado.

Então atraiçoar a patria é revelar que a pisam aos pés, que a esmagam, que a embaraçam, que a entorpecem na marcha ascensional de toda a humanidade, ou é pisa-la aos pés, esmaga-la, entorpece-la, por todas as fórmulas embaraça-la?

O crime está no crime, ou está na revelação e na condemnação do crime?

Detestavel moral, que é, no fim de contas, a moral de todas as quadrilhas d'esta terra. De todas! Os republicanos, temo-lo visto, mais do que visto, cem vezes o temos provado, seguem os mesmos principios. Para os republicanos, a traição não consiste em attentar contra as doutrinas democraticas. Não consiste em mentir a toda a hora ao seu programma. Não consiste em renegar a cada passo, praticamente, as suas afirmações, as suas promessas. Não consiste em dar provas constantes da mais torpe, da mais revoltante hypocrisia. Consiste, só, em revelar e em censurar esses attentados, em pôr a lume essas mentiras, em repellir a apostasia, em flagellar toda essa torpe, toda essa revoltante hypocrisia. Sómente! Como um milhão de vezes se tem visto. Como um milhão de vezes se tem provado. O que demonstra, por uma forma cathorica e decisiva, que o mal não está bem n'este ou n'aquelle regimen, mas em todos os regimens que resultarem d'esta sociedade descripta, d'esta sociedade cheia de vicios. O que é preciso, antes de tudo, é moralisar, é reformar, é arejar este ambiente pestifero.

Agora mesmo, a proposito das campanhas d'Africa, os republicanos demonstram que o seu ideal e o seu sentimento de patria valem tanto como o ideal e o sentimento de patria dos monarchicos. O *Mundo*, em geral, e o sr. João Chagas, em especial, declaram que se o paiz se mostrou indifferente perante as apregoadas victorias é... por ser presidente do conselho João Franco, e por João Franco estar em dictadura.

Ora eu comprehendia muito bem a indifferença do paiz, se me dissessem que essa indifferença era por outros motivos, e se os republicanos fossem os primeiros a justificar esses motivos. Pelo motivo referido, e pelos republicanos louvado e exaltado, não a comprehendendo senão como mais uma prova da inteira burla, da completa mentira, da mystificação formal que,—aliás, repetirei sempre,—como todas as

religiões,—a santa religião de patria representa.

Toda a gente, séria e não séria, que tem estado em Africa, declara que o preto tem uma grande noção de justiça, e que nunca se revolta quando o tratam bem e lhe fazem justiça. Ainda n'outro dia *Novidades* punha essa affirmacão na bocca do capitão Pessanha, ex-governador da Guiné e ultimamente á testa d'um governo da India, ao referir-se á morte violenta d'esse official, que sentindo-se mal na vida resolveu despedir-se d'ella dando um tiro na cabeça.

Toda a gente, séria e não séria, que tem estado em Africa, é unanime em contar que os pretos são victimas das maiores poucas vergonhas, e que a essas poucas vergonhas, exclusivamente, se devem os conflictos de que resultam as gloriosas campanhas que tanto sangue nos custam e dinheiro.

Isto dizem os que veem de Africa, e dizem-no os proprios auctores das poucas vergonhas.

Isto sabem-no os que vivem, os que tem vivido em Africa.

Os que vivem em Portugal sabem outra coisa. Esses sabem que uma das maneiras dos encravados se desencravarem, uma das maneiras dos entalados se desentalarem é... ir para a Africa. Ir para a Africa é, para muita gente, uma maneira honesta d'ir para... o pinhal d'Azambuja.

Sendo assim, bastaria isso para que o paiz não sentisse grande jubilo com glorias... escusadas. Com mais um bocadinho de justiça e de humanidade no trato com os pretos dispensar-se-hiam todos os loiros da victoria. Loiros caros, muito caros. Se fossem baratos, vá. Mas são caros. E os tempos já não vão para esses luxos.

Por esse unico motivo comprehendieria eu a indifferença do paiz e acha-la-ia muito legitima, muito natural, muito justificada.

Mas ha outros. Ninguem ignora que só o official ganha, quando ganha, alguma coisa com aquillo. Se morre, deixa á familia a pensão de sangue, que constitue uma renda muito boa. Se vem inutilisado, tem uma reforma em condições vantajosas. Se é condecorado com a Torre Espada, recebe a pensão correspondente á condecoração. Mas o soldado? O soldado é tão desprezado depois da campanha como o era antes d'ella. O soldado, que não tem no quartel no inverno mantas sufficientes para se livrar do frio, que não tem casernas em condições de o salvaguardarem da doença, que ganha um vintem por dia, ou dez reis se anda a maximo desconto, o soldado, que vê passarem-se annos e annos sem lhe augmentarem o vencimento, sem lhe melhorarem as condições de vida durante o tempo em que o prendem na vida militar, o soldado, esse, pôde morrer á vontade, pôde-se inutilisar, pôde ser condecorado, que nem elle, nem a familia lucraram nada com isso, ou lucram tão pouco, ainda que o estado lhes dê as recompensas monetarias correspondentes á sua patente, que não ha, mesmo n'esse caso, compensação nenhuma.

Então, como ha de o povo amar a patria, e, com elle, to-

dos quantos possuem espirito de humanidade, sentimento de justiça? Nós podemos amar todos uma patria mãe, uma patria justa, uma patria equitativa. Como amar uma patria madrastra, uma patria de castas, uma patria para lucro exclusivo dos quadrilheiros da politica, ou dos ricos?

Atirar foguetes em honra das victorias de Africa, para quê? Que os atirem as auctoridades. Que os atirem os privilegiados, as classes dominantes, as castas exploradoras. Esses, sim. E' para uso d'elles a religião de patria, como a religião de Deus. Podemos amar a patria e até amar a Deus sem falsidades, sem hypocrisias sem revoltantes convencões. Com falsidades e hypocrisias que amem elles, os exploradores.

Mas não é tudo. As campanhas d'Africa não tem feito senão augmentar o espirito reaccionario no exercito. Foi sempre esse o effeito de todas as glorias militares. Nunca povo nenhum deixou de pagar caro essas gloriolas. Nenhum! O pobre povo acclamou doidamente Mousinho d'Albuquerque e Mousinho d'Albuquerque rosnava-lhe nas bochechas como verdadeiro mastim de guarda ao throno. Serpa Pinto era um palaciano. Ivens era um palaciano. Ayres d'Ornellas é um reaccionario. Azevedo Coutinho é outro. Paiva Couceiro é outro. Todos! Todos! Não ha um só heroe d'Africa que senão tenha revelado um inimigo da democracia portugueza.

Então o paiz ha de ser tão tolo que fique eternamente a exaltar os que lhe dão pau sem ao menos lhe darem pão?

Eu não penso assim de hoje. Penso assim de ha muito tempo. Escrevi sempre na imprensa o que estou escrevendo agora.

Nunca disse, nem digo, que não defendamos as nossas colonias. Mas defendamo-las com justiça, com humanidade, com acertada administração, e tanto bastará para as gloriosas campanhas notavelmente diminuam. Portugal não precisa de glorias. Já tem glorias demasiadas. Precisa mas é de pão, de liberdade e de justiça.

Nunca disse, nem digo, que não demonstrem valor esses que em Africa combatem os pretos. Mas não é d'esse valor que Portugal mais necessita. D'esse valor d'aventura, d'esse valor de banditismo, que nacionaes e estrangeiros de valor nos apontam, não como um titulo de superioridade mas como um estyigma de inferioridade. O que se nos torna muito preciso é o valor civico, o valor necessario para vencer a corrupção, para esmagar o nepotismo, para conquistar a liberdade, para honrar o trabalho e afirmar a justiça. E esse não se conquista, antes se perderia, se o houvesse, n'essas gloriosas campanhas contra a petralhada.

Foi por todas estas razões que o paiz ficou indifferente deante das noticias d'Africa? Intelligente, honrado paiz! Foi porque os jornaes republicanos o não mandaram ajoelhar, como na Travessa do Pinheiro deante do Calcinhas? Estupido paiz! Que dia-

bo tem com a historia do amor da patria o facto de João Franco ser presidente do conselho de João Franco ser dictador? Que raio d'amor da patria é esse? E' um amor da patria de pechisbeque, não é assim? E' uma especulação, não é verdade? E' uma d'aquellas muitas mentiras com que os tratantes da politica enganam o povo, pois não é? Diz o sr. João Chagas, diz o *Mundo*, dizem os republicanos que sim. Está o João Franco no poder? Então a patria que vai para casa do diabo. Então os heroes d'Africa que se lixem. Mas estivessem no poder os republicanos e vê-se-hia. Ver-se-hia. Só faz milagres a nossa confraria. Só ha religião dentro da nossa egreja. Sempre foram assim os devotos, os irmãos da opa, os companheiros do Santissimo. E por isso eu detestei sempre, e detesto, essa cambada formidavel ou ella ponha etiqueta monarchica, ou ella ponha etiqueta republicana.

O caso do sr. Magalhães Lima é o caso da indifferença do povo perante as noticias d'Africa, é a hypocrisia, a mentira eterna d'esta terra.

Os monarchicos censuram o sr. Magalhães Lima porque o sr. Magalhães Lima, republicano, está compromettendo em Paris os monarchicos todos. E com razão os compromette. E com justiça. Diga-se. Mas os republicanos só defendem Magalhães Lima por Magalhães Lima estar servindo os... interesses republicanos. Nada mais! Se se mudassem os papeis, os republicanos eram os monarchicos e os monarchicos eram os republicanos. Os republicanos empregariam contra os monarchicos a razão patriótica, como os monarchicos a empregam contra os republicanos. Sem que nenhum d'elles ame a patria, nem se lembre d'ella senão para servir os seus interesses. Porque o amor da patria resume-se, afinal, no amor do ideal justiça, do ideal verdade, do ideal perfeição humana circumscripta a uma pequena fracção da humanidade. E raros, rarissimos são aquellos que provam possuir esse amor em Portugal.

Serventuarios ignobeis d'uma religião porca, enxota cães d'uma egreja que tem, como todas ellas, por Deus supremo a hypocrisia. E é tudo.

C.

SEMANA LISBOETA

A' hora em que escrevo, mas ainda é presidente do conselho, o auctor da lei de 13 de Fevereiro. Sentidos pezames aos homens de coração.

AZULEJOS

E' uma revista semanal. Trata de tudo e mais alguma coisa. Publica umas cartas do outro mundo escriptas por quem neste passa a vida comendo os parceiros. Ensina a conhecer os criminosos pelas pontas dos dedos... E nós a julgarmos que elles se conheciam pelo andar dos pés. Ora, vejam lá, como a sciencia está. Ah, já nos esquecíamos. A ultima pagina é musical. Mas, segundo consta, todos os pianos de Lisboa vão pedir ao dictador os inclua no descanço semanal.

RIVAES, MAS IGUAES

O Mundo, para em tudo rivalisar com o «de maior circulação em Portugal»...

O ROSARIO

Nossa Senhora do Rosario concubino com o sr. Julio Monzó, que, antes de lhe pôr os olhos, foi ateu...

O ex-ateu assanhado e catholico hydrophobo é director duma coisa em varias paginas a que chamou: Rosario.

Logo, de seguida, demos com versos do sr. D. João da Camara. Pela escolha do assumpto deprehendemos que o poeta morreu em 1830.

Deveria ter sido muito laboriosa a avaliar pelo abôrto exposto nas livrarias.

DOENÇA REAL

Esteve enfermo Sua Magestade Fidelissima o sr. D. Carlos I. Parecendo-nos que Sua Magestade deve sofrer d'artritismo...

Não toque em ácidos, real senhor, por tudo lho suplicamos! E' vulgar preceito que não se brinca com fogo.

A UNIR

E' o grito do campeão nacionalista. Encarnigado badala chamando os fiéis a unir. Franquistas, progressistas, dissidentes, regeneradores e inclusivé republicanos...

Assim badala o Portugal. Os nacionalistas no poder (será quando Deus quizer!) e uma nova aurora raiará na noite caliginosa da politica portugueza!

Honrados curas d'almas! vá lá mais esse sacrificiosinho pela patria... querida. Attendei, piedosos sephores, ao pobre Portugal que não se cansa de piedosamente vos bradar: Fieis a unir!

POR GRAÇA DE DEUS

Continúa de saúde o governo, embora para aqui se alardeie o contrario. As oposições vivem de esperanças. Republicanos... coactos. Como se vê a calma é absoluta. Seja tudo por graça de Deus.

BISBILHOTICE

Um curioso pergunta-nos se quando a republica fór poder não haverá um João Franco, n.º 2, e um juiz Veiga do mesmo numero?

O curioso entala-nos e compromette-nos querendo que respondâmos a tão assustadores receios. Mas, em summa, como é nosso dever attendê-lo, vamos a ver se sabemos de bem em tal allhada interrogativa.

Como a republica em Portugal ainda não subiu ao ceu da governança e não se assentou á mão direita de Todo lo quero e lo mando, ignorâmos se tal sucederá. Em nosso raciocinio, dado o que se passa em varias republicas estrangeiras, onde o despotismo é o mesmo, é de crer que em nosso pais tenhamos de gramar o mesmissimo excesso de auctoridade, visto termos a dita de assimilar tudo o que de mais anti-humano se passa fóra de portas nacionaes.

De maneira que um successor do sr. João Franco é susceptivel de aparecer. Tanto mais que na republica franceza tem havido ministros ao lado dos quaes o dictador portuguez é um anjo de candura. Leia-se a historia e ella nos diz p a pá santa justa o que por lá tem havido no genero: desputa.

Quanto a ser bisado o sr. juiz Veiga, não ha duvida. Ha de haver um Veiga muito mais progressivo em pesca de travões que possam atrazar a marcha governamental republicana. Esse juiz Veiga da republica, que então já não terá o nome de juiz, mas o de Procurador da Republica, uma especie d'Almeida Fernandes do terceiro Estado, terá então muito mais que fazer. Muito mais. Não calcula o curioso o trabalho que o procurador terá! Vá tomando nota!

Como inimigos do passado encontra pela prôa, nacionalistas ou sebastianistas, monarchistas divididos em meias doses, tendo cada meia dose um chefe. Em seguida esperando a vez no chafariz dos aspirantes a ministro, encontrará um montinho de republicanoideis banhados de conservantismo, como agora estão á vez os ministros da monarchia, sem trabalho. Como concorrentes, são os que mais agua pela barba darão ao sr. Veiga n.º 2.

Depois, de frente, bem de frente, os sociaes-democratas, os socialistas de quarto Estado, os taes que querem tambem governar os seus semilhan-tes; os taes que querem tambem subir ao poleiro á força de bonus. Não conhece? São aquelles que em Hespanha são guiados, em linguagem de rebanho, pelo sr. Pablo Iglesias, em França, pelo sr. Jaurés, em Alemanha, por meia dúzia de Bebeis. Estes socialistas lão de atacar em toda a parte o governo da republica. E o sr. Veiga n.º 2 lá estará de olho aberto e mão na gaveta... Conspirações, o diabo! E a republica vendo-se civada de inimigos por todos os lados, e tendo na testa, gravadas a sangue do povo, as palavras: Liberdade, Igualdade e Fraternalidade, mandará alargar as cadeias, fazer uma nova Penitenciaria, segundo os modelos de então.

Como vê o curioso, a republica terá um juiz Veiga, mais aperfeiçoado e lendo por outro codigo. Esse codigo dirá que o livre-arbitrio existe, como nos bons tempos da monarchia e terá varios capitulos diagnosticando varios crimes politicos.

Não tem que agradecer, o curioso. Sempre ao seu dispôr.

OS NOSSOS CHAVÉCOS

Recolheu com avaria um dos chavécicos da nossa marinha de guerra!... Está arrombada a canhoneira Tejo. Só por grande... infelicidade não se arrombou de vez. Agora vá-se compôr para defêza da patria... Paga, Zé Povo!

AMIZADES SUSPEITAS

Ao que se diz o sr. Teixeira de Abreu continua dando-se bem com os defuntos. Com esses é que elle se entende ás maravilhas. De resto, em vivos não lhe falem! Até sente arrepios! Jesus! Credo!

NOVA PENA DE MORTE

Os automoveis andam desenfreados em Lisboa, constituindo um grave perigo para a vida dos cidadãos alfacinhas. Está sempre em perigo a segurança pessoal de cada um. Todos os dias os jornaes nos trazem noticia d'um ou outro individuo assassinado por um automovel que marchava com toda a velocidade, etc. E' um inferno.

Em Portugal não existe a pena de morte. Não existe, é verdade, a forca ou a guilhotina. Mas vigora de facto uma outra que está já legalizada,—o automobilismo, e que faz diariamente as suas victimas.

E' preso, e deixa-se apodrecer na cadeia, um desgraçado que a fome leva a roubar um pão ou a furtar uma sardinha. Mas fica em liberdade, a troco duns sessenta mil reis que dá com desdém, o aristocrata imbecil que se diverte a esmagar quem pela rua acaso topa.

Ha aí um menino rico, automobilista, que raro é o dia em que não é multado por trazer o carro com velocidade excessiva. O imbecil parece sentir prazer na satisfação daquella monomania. Paga os sessenta mil reisinhos como quem bebe um copo d'agua—quanto desgraçado com fome! quanta creança sem pão!—e meia hora depois ei-lo novamente cruzando as ruas mais concorridas com velocidade louca!

E' increditavel que a policia se não resolva a pôr termo a isto! dizem-nos ha dias.

Pudéra! Pois o Estado importa-se lá com a vida dos cidadãos? O Estado? que ingenuidade! Não representa isso para elle uma fonte de receita? Então, meu amigo, atropêlle-se barbaramente todo o mundo que o Estado não se lhe dá abalo! Tem por norma não fazer desaparecer as suas fontes de receita.

De resto... que se arranjem!

POUCA VERGONHA

Vimos numa folha oposionista que «o presidente do Centro franquista da Cruz de Pedra, sr. Victor Lago, pediu a demissão do cargo, no que foi seguido por toda a direcção e grande numero de socios.»

Pobre João Franco! Como são ingrátos! Até já os amigos o abandonam!

Sobre quêda, coice. Falta o da corôa. Deve ser tremendo...

O MOÇO PRINCIPE

Pela leitura dos papelórios franquistas qualquer pessoa ficaria julgando que o futuro rei (?), o sr. D. Luiz Filippe, fóra muito bem recebido no Transwaal, constituindo as provas de consideração que ali lhe tributaram uma gloria para o nosso pequenino pais. Pois vejamos o Progresso de Lourenço Marques que é patriota até ás raizes dos cabellos, expêlle jáctos de revolta indignação pela maneira como Sua Alteza (delles) foi recebido por lord Selborne, o representante do imperio britânico na Africa do Sul.

Diz o collega:

«Lord Selborne não se apressou—como lhe impunham as regras do protocolo—a ser o primeiro a vir ao encontro do seu hóspede;

Lord Selborne não entendeu que a comitiva de Sua Alteza (delles) composta de cavalheiros distinctissimos (toma...) merecesse a honra de ser alojada no seu palacio, em Pretória;

Lord Selborne não se importou que os alojamentos faltassem ou não á comitiva de Sua Alteza (delles), obrigando os seus membros a virem dormir na Rissik Station, instalando os seus apetrechos nas carruagens, por deferencia da companhia;

Na Rissik Station não havia ornamentação nem signal de festa além de quatro reles bandeiras; nem guarda d'honra, nem illuminações, nem as cortezias banaes do estylo;

O baile de gala oferecido a Sua Alteza (delles) por Lord Selborne, muito pouco concorrido, era d'uma pobreza significativa, contrastando significativamente com a magnificencia que o governo inglés continúa a imprimir a todas as manifestações officiaes;

Lord Selborne nem sequer compareceu á partida de Sua Alteza (delles) para o Natal, nem tão pouco se fez representar junto do governador geral da provincia de Mocambique, na sua passagem por Pretoria, de regresso de Johannesburg;

Lord Selborne é um espirito lúcido, intelligente e instruido, e por isso mediu, calculou e ponderou reflectidamente todos os seus actos.»

E' convicção do Progresso que lord Selborne, convidando o sr. D. Luiz Filippe para seu hóspede e sujeitando-o á cruel injúria de repudiar os cavalheiros da sua comitiva levou tão sómente em mira mostrar ao povo boer quanto para elle é antipathico e desprezível o povo portuguez.

As pseudo festas de recepção ao sr. D. Luiz Filippe, em Pretoria, diz ainda o Progresso, foram o calvário ignominioso por onde se fez passar a nação portugueza.

Ora este, que de perto, tudo viu e tudo sabe, é que bem nos pôde fazer vêr as ridiculas pêsas dos papeluchos governantaes.

Em tudo isto, que falta de pudôr! São politicos. Deus (delles) os afaste!

PAVOROSA

Correm boatos sensacionaes, á hora a que escrevemos, boatos que abstemos de relatar porque... não se pôde tocar no fructo prohibido. Isto, váe bem. Viva o franquismo!

PESTIFEROS

Aquí em Lisboa são ás dezenas. Um dos que ultimamente mais tem dado que falar é o menino Eduardo Metzner, que apregoando-se libertário tem enganado muitos ingénuos. E' uma falsificação pouco aperfeiçoada. Para guarda dos incautos vá lá uma curta biographia traçada por elle proprio que, por si só, classifica e define. Urge desinfectar para fugir a epidemias.

O sr. Metzner é aquelle revolucionario para quem «Cákia Muni é a suprema encarnação da Bondade Humana» (B. H. com iniciaes maiúsculas; é como elle escreve sempre), que adora os poetas que, como elle, «procuram o insensato prazer do vinho», para quem «a melhor sinfonia de Bathoneu não é mais que um rufo de tambôr», que num dia faz versos á pureza da Virgem Imaculada e no outro fulmina os deuses com fulminadores anáthemias, que fabrica explosivos em verso alexandrino, que deseja vêr os Braganças no patibulo, que aconselha a pan-destruição, que gosta da coloração macabra do verso», que, ao ser preso, outro dia, foi muito bem tratado pelo juiz Veiga e pelo tenente-coronel Dias, que foi piedosamente defendido pelo Portugal que publicamente o considerou inoffensivo, que inspiro um editorial do Seculo epigraphado Um Poeta (!) pedindo misericordia para o infortunado rapaz e implorando a benevolencia das auctoridades, que, finalmente, foi posto nos cornos da lua pela imprensa réclameira da capital, conseguiu vêr o seu lindo retrato estampado num... diario de Lisboa, que insulta indignado todo aquelle que negar o seu pretendido talento, e que, para não dizer tudo, é muito malcreado.

Outro dia publicou-se um folheto de réclame a este cavalheiro. O tal folheto tem 32 paginas, custa um tostão e não vale dez reis.

O sr. Metzner que tem andado tão calado é que está para a pregar! Não se deixem comer!...

PARABENS, MARQUEZ!

Referem os jornaes que o sr. de Soveral falou bem na conferencia da Haya. Já o esperavamos... D'aquí enviamos ao grande Marquez as nossas felicitações.

UM SEXTETO

Não se julgue pela epigraphie que vamos denunciar o ministerio composto só de seis pe-soas. Não senhor. Para gaudio de chuchadores são sete as fontes de abundante manancial de ridiculo ministerial.

Trata-se do sexteto do Theatro de D. Maria. A nova empreza, tendo a seu lado quem de arte de theatro percebe a valer, resolveu dispensar o

sexteto de bons volhotes, que de ha oito annos para cá vinha fazendo as delicias dos dorminhócos.

Como era quasi uma ingovação—e dizemos quasi, porque já tem sido tentada em récitas de purissima arte dramatica—houve jornaes que verberaram asperamente o procedimento da empreza, notulando de inaproprio e só attendivel pelo lado economico.»

Porque a empreza notificasse que não tinha sido esse o mobil, mas sim o pretender que a attenção do espectador não fosse para qualquer trecho musical o que redundaria em detrimento da obra scenica, logo o sr. Santos Tavares, critico d'O Dia, saltou, defendendo a existencia do sexteto. «Aquelles intermezcos estavam já nos nossos habitos—porque «um simples passeio pelos corredores, um cigarro que se fuma, um jornal que se lê, ou um dialogo que se troca, tudo concorrerá para entenebrecer a tal «visão clara e justa da obra que se desenrolára no palco.» Mas em certas peças historicas ou de grandes scenarios a natural mutação de pannos e repregos não exigirá uma certa demora de acto para acto, demora que a execução de trechos musicaes tornaria mais sensivel?»

Ora vamos a vêr se atinamos na resposta a dar a todas as objecções desse cabeça de grillo grande. O estarmos acostumados a ouvir tum-tum nos intervallos, não é razão. Os maus costumes tiram-se. Já um grande mestre de scena, o disse:—«Em materia d'arte tudo que esteja a mais é inutil. Deite-se fóra.» E a empreza tendo o criterio artistico necessario é o que deveria fazer. E fez. A prova lá está. O sexteto foi corrido. E' o que se faz a habitos velhos.

O sr. Santos Tavares chuchando diz que qualquer coisa pôde distrahir e enumera as distrações. Bom julgador por si se julga.

1.º—Se receia que um passeio pelo corredor lhe desmanche a visão da peça, não saia da sala e recolha-se em seu espirito a reviver o mais minimo facto da acção theatral.

2.º—Se um cigarro o pôde perturbar a ponto de lhe fazer esquecer o que viu, deixe de fumar. O vicio produz a birra. O fumo esquece e nauseia.

3.º—Não leia jornaes que lhe roube as imagens do movimento scenico. Folheie revistas d'arte que o soccorrerão na intelligencia da peça.

4.º—Não dialogue com um interlocutor amante de touradas e de mulheres de facil importação; escolha um companheiro que resolva problemas d'arte. Diz-me com quem andas, dirte-hei o que pensas.

E quanto á grande demora que haver possa na montagem das grandes peças, se se affigir, corra lá dentro, a bastidores, e ajude o pessoal porque tem bastante corpo para isso e escusa de andar pelo vestibulo do theatro a dizer coizas e a roubar algum pedaço honesto que ficasse no pensamento do espectador.

Pois este sr. Santos Tavares, encontrou echo n'O Mundo na pessoa dum critico, da força d'elle: sr. Luiz Derouet.

São dignos um do outro. Esta creaturinha que em absoluto desconhece o que seja e para que seja a arte de theatro, transcreve a prosa do janotinha e por cima polvilha-deste commentario:

«Salvo melhor opinião, parece-nos que a empreza acabou por reconhecer o erro que praticou com a suspensão do sexteto, e que o publico antehontem lamentou com justificado motivo. Nós, pelo menos, assim confiamos, e talvez que nos não enganemos.»

As prosas identificam-se. Ambas respiram veneno. Através das jerniadas pela ausencia do sexteto, quanto odio pela nova empreza e quanta má vontade pelo que de novo se possa fazer.

Criticos! Criticos! Santos Tavares! Luiz Derouet!

Nos dois.

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO**

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Lettura*—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album*, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
- Quadros Parietaes*, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—18.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia práctico e theórico da Cartilha Maternal*—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita*—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Método**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado*. 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica*. 500

De mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres*—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas*—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE
Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saínhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correitor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaisquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feltios quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

POVO DE AVEIRO
— DO —
TYPOGRAPHIA

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Dedicamos-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

Jose Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offercem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.